

ARANDO E BORDANDO: MÃOS QUE TRANSFORMAM O SERTÃO

Liliana Leite Chagas¹

Resumo: Este estudo discorre sobre a mudança realizada pelo homem sertanejo de atividade rural, especificamente da agricultura, para uma nova ocupação no trabalho, o bordado. Este definido socialmente, até a atualidade, como um lugar dominado pelo gênero feminino. Trata-se de um estudo sobre o fenômeno que envolve reflexão acerca das relações de gênero, trabalho e identidade. O cenário dessa transição se passa no sertão, localizado na região nordeste, de raízes históricas predominantemente patriarcais e de pouca mobilidade social para aqueles que ali se encontram. Para efeito do estudo baseou-se numa abordagem metodológica qualitativa, sendo priorizada a etnografia e a fenomenologia. Os resultados nos revelam a adaptabilidade motivada pela sobrevivência, além de uma tolerância e pouca resistência aos modelos que se apresentam como fonte alternativa de trabalho no sertão.

Palavras-chave: Sertão; Gênero; Cultura; Trabalho e identidade.

Abstract: This text discourses about the change carried by the man of the countryside, specially of agriculture, for a new occupation, the embroidering. This occupation is socially defined, even in the present time, as a place dominated for female gender. The study deals with the phenomenon that involves a reflection about gender relations, work and identity. The scene of this transition takes place in the backwoods, located in the northeastern region of Brazil, a place with predominantly patriarchal historical antecedents and little social mobility for those that live there. The study it was based on a qualitative methodological boarding, being prioritized the ethnography and the phenomenology. The results reveal the adaptability motivated for the survival, beyond the tolerance and little resistance to the models that present as alternative source of work in the backwoods.

Keywords: Backwoods; Gender; Culture; Work and identity.

1 Psicóloga. Mestre em Psicologia pela Universidade de Fortaleza.

1. INTRODUÇÃO

O discurso tradicional da seca traçado por uma homogeneização de fome, de abandono, de ineficiência, que gera um espaço sofredor, torna-se fragilizado diante da atitude cotidiana de sujeitos simples, com pouca escolaridade e muita percepção sobre o que é sobreviver, traduzida pela milenar sabedoria popular do povo local, marcadamente, presente em homens que romperam as barreiras do preconceito e lutam por uma construção permanente pela vida no sertão, com seus entraves e virtudes contemporâneos.

Assim, Sítios Novos, região localizada na zona rural do distrito da cidade de Caucaia, situado na região nordeste a 55Km de Fortaleza (CE) nos apresenta alguns sujeitos que decidiram mudar a sua história de vida. Um lugar de movimento e transformação, transgredindo regras sociais delimitadas historicamente e promovendo com isso outras concepções do que o homem é capaz de fazer, através do seu trabalho. Neste estudo pretende-se estabelecer um diálogo entre as falas dos sertanejos, o campo observado, e a pesquisa teórica empreendida, aproximando o que se viu no campo etnográfico dos discursos já elaborados sobre o sertão do nordeste, para compreensão do fenômeno sócio-cultural.

Eram cinco homens e duas mulheres sentados numa varanda com agulha e pedaços de tecidos na cor branca. O clima, nas tardes, era sempre quente para quem chega do litoral. No entanto, para eles tratava-se de um dia como outro qualquer. A presença de um estranho, atento às ações dos sujeitos e uma escuta disponível, uma mistura de encantamento e surpresa naquele lugar, no entanto tal fato, não os interrompe em seus trabalhos, observa-se que eles conversam enquanto desenham e dão outra forma para aquele pedaço de tecido branco. Percebe-se o quanto eles gostam de contar suas histórias e trajetórias, algo de ideal no discurso, mas que estão de encontro com a realidade. É aí que começa, uma história sobre a relação do homem sertanejo e o bordado.

2. UM LUGAR CHAMADO SERTÃO

O sertão permanece registrado, nos outros meios, mas principalmente através da arte em todas as suas expressões, como sendo um lugar singular, cuja cultura, da mesma forma que em outros lugares, está significada de maneira única. Já que é através da cultura que o homem desdobra sua capacidade de estruturar sentidos à sua existência. Nessa concepção, os aspectos naturais e sociais estão interligados e não dissociados, ou seja, é a partir da relação entre esses dois campos, o biológico e o social, que o homem se constrói. Geertz (1989) conceitua cultura, como resultado de uma descrição densa interpretativa do observador:

Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado às teias de significados que ele mesmo teceu, assume a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado (GEERTZ, 1989, p.4).

A partir desse olhar cultural, tenta-se delinear essa singularidade do sertão, através de um recorte de estudo que ressalta o meio social e o sujeito, pois ali se encontra a realização do trabalho rural entre outras funções, e a mão do sujeito sertanejo agricultor que dará sentido a essa atividade. O sertão e o homem sertanejo, na condição de uma relação de plena transformação e ressignificação. Então, torna-se fundamental conhecer esse homem do sertão rural, seus valores e o trabalho que até então o define nessa ordem social.

O sertão, geralmente, é definido como uma região geográfica de pouco amparo político e social, onde o desenvolvimento enfrenta duras resistências de ambas as esferas, do poder público e privado, para sua propagação. Vilaça (2003) destaca que a região nordeste possui 1.558.000 quilômetros quadrados e 47,8 milhões de habitantes, ocupa a porção oriental do Brasil e da América do sul. Terras cobertas pela caatinga e pelo cerrado, mais secas do que úmidas. Na questão social, o autor revela que 1/3 da população nordestina vive em situação de pobreza crítica, de acordo com Instituto Brasileiro Geográfico Estatístico essa parcela da população brasileira sobrevive apenas com uma renda irrisória, que não alcança o valor do salário mínimo. Este, segundo a nossa Constituição Federal art. 7º, inciso IV, deve ser: “[...] capaz de atender as suas necessidades vitais básicas e às de sua família com moradia, alimentação, educação, saúde, lazer, vestuário, higiene, transporte, e [...]”.

Todo espaço regional possui significados múltiplos, sentidos ambíguos que são delimitados pela sociedade. Porém, o lugar do sertão é representado universalmente, por uma idéia de seca, acompanhado de pobreza e sofrimento dos sujeitos que ali vivem. O distanciamento geográfico da *civilização* urbana sustenta o conceito pejorativo que pesa sobre o sertão.

Segundo Roland (2003), a palavra sertão inexistente em outras línguas, sendo sua tradução uma tarefa extremamente difícil. A origem está na língua portuguesa, presente no Brasil desde o século XV, que significa lugares apartados, desertos, estranhos e incultos. No início da colonização portuguesa, o sertão estava designado como um lugar *desconhecido* e *arriscado*, constantemente associado à questão climática da seca. Atualmente, essa percepção, de modo talvez já superado no âmbito da pesquisa acadêmica, estabeleça outros caminhos considerando o sertão um espaço possível de plena produtividade. Conforme observa França,

Não há como falar em fim de seca, sem falar em uma profunda mudança na estrutura fundiária, com a realização de uma reforma agrária para democratizar o acesso a terra, sem deixar de considerar as especificidades ecológicas, sem se falar em investimentos em saneamento, saúde, educação e nutrição; sem se falar em cidadania (FRANÇA, 2003, p.136).

Assim, percebe-se o descaso histórico com a região sertaneja, desconstruindo dessa maneira, uma explicação de enfoque exclusivamente natural sobre o isolamento e degradação dessas terras

e seus sujeitos. Há no imaginário social uma visão que a população sertaneja, diante desse lugar de vítima designado por uma classe dominante capitalista, exerça uma postura passiva à espera de dias melhores, com chuvas, ou com a alternativa de buscar uma prosperidade e um reconhecimento da cidadania na zona urbana.

Contudo, o historiador Albuquerque Junior (2001) contrapõe a essa percepção de relação de poder, nos espaços sociais, sustentada pela força de uma mão única, sem a implicação de ambas as esferas, dominador e dominante, quando afirma que:

[...] O nordeste e o nordestino miserável, não são um produto de um desvio de um olhar de fala, de um sistema de desvio de poder, mas são inerentes a esse sistema de forças e dele constitutivo. Somos agentes de nossa própria discriminação, opressão ou exploração. Elas não são impostam de fora, elas passam por nós (ALBUQUERQUE, 2001, p. 27).

De acordo com o autor, o nordeste é um desdobramento de uma produção imagético-discursiva, que significa que nossos territórios existenciais são construídos a partir de uma elaboração mental, permeado de experiências, sobretudo afetivas, que foram cristalizadas na história e na cultura da sociedade.

Há uma rede de poder que sustentou e é sustentada por uma identidade regional – um saber regional – saber estereotipado, que designa este espaço geográfico do sertão nordestino, como lugar de gueto nas relações sociais em nível nacional, como lugar de periferia, da margem dos setores econômicos e políticos, que acaba por transformar seus habitantes em marginais da cultura nacional.

1. de acordo com os dados do IBGE/Pnad – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, entre 1990 e 2001, cerca de oito milhões de pessoas deixaram o semi-árido: a metade delas com destino a outras regiões do país, em particular ao sudeste e a outra metade, para as maiores cidades do próprio nordeste.

A arte produzida testemunha esse olhar miserável sobre o sertão, a obra de Cândido Portinari, *Retirantes* (1944), que possui um viés emocional e expressa figuras fantasmagóricas, esqueléticas e trágicas, como manifestação de dor e de miséria humana, uma realidade perversa encontrada no nordeste do Brasil. Essa pintura cristaliza uma imagem tradicional e clássica, que será predominante na visibilidade da região rural, o *drama da seca*:

Nordeste da morte pobre. Nordeste daqueles que só tem o céu para poderem clamar, pedir de joelhos. Pedintes e de joelhos, eis o povo nordestino, maltrapilho, sobre o qual parecem sempre pairar a desgraça, a morte, os urubus (ALBUQUERQUE, 2001, p. 251).



Figura 1- Retirantes (1944), Portinari.

No entanto, apesar de tantas limitações, o povo sertanejo tem construído alternativas de sustentabilidade, com bastante criatividade, na própria região que habita, não mais buscando soluções distantes às problemáticas locais, mas através das relações sociais próximas. A organização no trabalho, por exemplo, tem constituído outros papéis e significações à sua identidade. Assim, o nosso olhar é sobre esses sujeitos do gênero masculino, que se encontram no sertão nordestino, cuja função primordial no trabalho é o exercício da agricultura, uma atividade permeada inicialmente por uma tradição familiar, sendo assim o *roçado* um cotidiano que perdura da infância até a idade adulta.

3. SERTÃO E TRABALHO: UMA QUESTÃO DE HONRA.

O trabalho rural é uma herança que vem das nossas raízes da colonização. Esses resquícios deixaram vestígios que são encontradas atualmente na sociedade brasileira, de desorganização e exploração de algumas regiões, como o nordeste. No início da colonização, os portugueses com o espírito de aventureiros exploravam as terras do Brasil de maneira descontrolável e sem compromisso, não havia uma preocupação com o processo de desenvolvimento do trabalho rural, mas apenas o interesse de aproveitar do que a terra poderia lhes oferecer de imediato.

Holanda (1995) em *Raízes do Brasil* enfatiza as relações de poder existentes na colonização, o privilégio para um pequeno grupo e o descaso com uma maioria, tudo se passa no ambiente rural. A presença do patriarcalismo, da ausência de leis universais e a predominância de concessões, ou seja, particularidades que causavam uma *desordem aprovada* no convívio social. Assim, o rural estava desde então sob o poder dos senhores que dominavam a região e proclamavam a lei local. O “coronelismo” de hoje no nordeste prescreve uma história já contada pela nossa história de colonização e exploração, nas terras tropicais do Brasil, por estrangeiros.

No sertão nordestino, o trabalho predominante é o de cultivar a terra. O trabalho rural faz parte do cotidiano da família sertaneja, sendo o plantio e o cultivo da terra uma das principais atividades exercidas nos locais mais longínquos, até mesmo por uma questão de subsistência. A região é geralmente de solo árido, no entanto o que falta são incentivos econômicos dos órgãos públicos e privados para que possibilite um crescimento e o desenvolvimento e autogestão da população sertaneja.

O homem sertanejo agricultor é definido como *cuidador* da terra, de mãos caleçadas, de pele escura do sol diário, de chapéu de palha, voz forte, marcas expressivas na face, do trabalho na roça, ou seja, homem forte e provedor da família. A honra e a virilidade do homem do sertão passam por tais características que são internalizadas e cristalizadas através de um contexto social, histórico e cultural. Entretanto, em meados século XX, identifica-se um fenômeno que merece uma nova reflexão sobre essa estrutura social do ambiente rural, até então cristalizada: surge a passagem de um trabalho especificamente rural, a agricultura, onde predomina o sujeito masculino, para um outro e novo lugar, que é tradicionalmente representado pela figura feminina, no caso o bordado.

A concepção de trabalho abordada no decorrer da pesquisa privilegia o pensamento de Arendt (1987) em que afirma ser este o que transforma a matéria, ou seja, a mão humana é capaz de produzir um determinado objeto que possui função social. O homem detém o poder de usar o produto, resultado do trabalho, de acordo com os seus desejos. Dessa forma, o trabalho está designado a um processo que envolve uma dinâmica entre o fazer, o criar e o transformar.

Nolasco (1993) estabelece que o trabalho ocupa uma função fundamental na vida do sujeito, já que é através dele que se pode sentir-se reconhecido socialmente, principalmente sob as condições de um sistema patriarcal. Essa ideologia patriarcal concebe que a relação dos homens com os seus trabalhos estão fundados numa busca de identificações, não com as singularidades inerentes a cada um, mas com o que neles há de comum com o modelo socialmente definido. O tipo de trabalho realizado personaliza e identifica o sujeito.

Devemos registrar que a importância do trabalho sobre a subjetividade de um homem está no fato de que ele o define como indivíduo, determinando sua forma de expressão e mobilidade social. Um homem é o que ele faz, consciente ou inconscientemente (NOLASCO, 1993, p. 58).

Então, o sujeito agricultor de plena masculinidade, com esse trabalho manual do bordado, passa a ocupar um espaço construído pelo universo feminino. As regras sociais enfatizam que o bordado e a costura requerem mãos naturalizadas femininas, de delicadeza e precisão, características essas não atribuídas às mãos masculinas, pela concepção tradicional dos papéis de gênero. Na pequena localidade de Sítios Novos, o relato de um sujeito de 40 anos, testemunha essa vivência do trabalho no bordado:

Vi tanta gente ganhando dinheiro com a costura, que não faltava encomenda. Eu resolvi tentar aprender, minha esposa ensinou um pouco. Mas na verdade eu aprendi passando noites em claro na minha salinha, aprendendo até a maneira de pegar na agulha. Foi difícil no começo, porque tinha vergonha, algumas pessoas não entendiam que não ia deixar de ser homem, não. Só queria trabalhar. (sic)

Contudo, verifica-se uma tentativa de ruptura dessas fronteiras sexuais, no contexto rural do sertão nordestino, através do trabalho. Descrivendo-se, nesse sentido, através desses novos contornos, outras possibilidades de significação de um sujeito sertanejo, capaz de *bordar* o seu próprio caminho que até então estava inscrito na história com um destino estagnado e previsível.

Dessa maneira, elaboram-se discussões teóricas sobre trabalho, identidade e relações de gênero para compreender de que modo a desconstrução dessas estruturas pré-determinadas permeiam o sujeito sertanejo, no momento em que se possibilita buscar outros caminhos para sua realidade, com uma nova função no trabalho. Então, a proposta está em desvelar esses estereótipos, certas amarras internas, que conduzem à ação do homem sertanejo. Os homens abrem mão da própria liberdade quando negam seus limites, histórias de vida, desejos e sonhos para tentar reproduzir o padrão de comportamento definido a priori.

Boris (2002) destaca o quanto a questão da honra, da moral, acrescentando a coragem e a bravura são características que impregnam a identidade masculina, especificamente do homem rural, o sertanejo. Na região nordeste, segundo o autor, prevalece o mito do herói sertanejo “Lampião”, cangaceiro que carrega uma identificação do bem e do mal, sendo em muitos momentos históricos definido como diabo e em outros, como anjo protetor da sua região. Ou seja, percebe-se uma imagem, vinculada ao sertanejo, de masculinidade e de poder em suas ações e pensamentos, sustentados pela representação de um mito glorificado como uma divindade. A investigação de campo nos proporcionou verificar no discurso de um agricultor, as regras morais que lhe foram determinadas:

Quando era criança meu pai, disse: filho vai colher o feijão, que eu tenho que ir pro comércio. Quando voltar, quero tudo pronto. Saí na direção da nossa plantação, só que no caminho encontrei um amigo e resolvemos brincar, arrumamos uma bola. Foi a tarde toda jogando bola. Quando o pai chegou, ouvi muita bronca, além de umas cinturadas. Ainda lembro das suas palavras, ele falou assim: homem só tem seu valor quando trabalha! (sic).

Outro personagem importante para a história do sertão nordestino – o coronel – é referência para a imagem masculina, representando a figura do mandão, pai e chefe para a família e seus agregados. Diante dessa imagem incorporada, acaba por exercer as atividades de uma autoridade local com o domínio econômico, social e político sobre a maioria da população rural sertaneja, já que é o grande senhor de terras. Carvalho (1997) enfatiza que o mandonismo é uma característica marcante de determinado momento histórico do coronelismo – sistema político complexo-, em que as ações de ordem social ou econômica estavam personalizadas de poder. Assim, o coronel enquanto sujeito individual e integrante de um sistema político, detentor de algum tipo de recurso impõe um domínio sobre a sociedade, seja urbana ou rural. Holanda (1995) descreve que essa conduta de poder absoluto da aristocracia rural está vinculada na própria história política da monarquia, no Brasil:

Na monarquia eram ainda os fazendeiros escravocratas e eram filhos de fazendeiros, educados nas profissões liberais, que monopolizava a política, elegendo-se ou fazendo eleger seus candidatos, dominando os parlamentos, os ministérios, em geral todas as posições de mando (HOLANDA, 1995, p.73).

A identidade sertaneja está assim construída através de ideologias e mitos que procuram desenhar e compreender o homem do sertão. Contudo, a identidade é um campo instituído de representações de uma subjetividade inacabada, propícia a transformações.

Esses traços históricos, fundidos em histórias orais da memória de um povo, como em qualquer outra cultura, de espaço e tempos distintos, produz significações históricas e sociais a fim de um reconhecimento da sociedade. Segue relato de um entrevistado, que trabalha com o bordado, e em certo momento fala dos mitos da sua região, figuras respeitadas e idolatradas:

Tem o seu “Honóri” que é conhecido aqui na região, ele sente quando chove. Macho de sabedoria, de vez quando a gente chama pra ele pra cá, pra orientar no nosso plantio. (sic)

Essa ressignificação do sujeito estabelece que o homem seja um ser histórico-social, que possui características marcadas por um tempo, pela sociedade e suas relações, mas acima de tudo é um ser de capacidade inventiva e construtora do seu cotidiano. Assim, a figura simbólica do macho, de plena virilidade, está propensa a transformações, talvez aproximando os laços que se encontravam tão distantes, entre o masculino e o feminino, em um meio tão rígido e demarcado de funções sociais de gênero como é o sertão nordestino.

4. OS PAPÉIS DO FEMININO E DO MASCULINO NO COTIDIANO SERTANEJO

De acordo com Badinter (1993), o sujeito está propenso as sensações inatas da plasticidade humana, de diversidade nas suas ações, símbolos, representações e valores, que são apreendidos. A partir dessa perspectiva, a hereditariedade ou fatores exclusivamente biológicos não limitam o homem ao traçar a singularidade do seu destino, ou seja, não há um modelo padrão universal de masculinidade, uma essência que institua a humanidade. Nessa concepção, a conduta masculina corresponde a uma ideologia que procura legitimar sua dominação nas relações sociais, de um sistema patriarcal, prevalecendo às diferenças radicais de papéis, bloqueando no homem a expressão de qualquer traço de feminilidade, de pacificidade e submissão.

No contexto do sertanejo está presente a divisão de papéis femininos e masculinos, na ordem familiar, em casa e na ordem social no trabalho ou na rua. A mulher, geralmente, é responsável pelo lar, realizando alguns trabalhos domésticos e quando necessário também se dispõe pra ir à roça. O homem, de braço firme com sua enxada, desdobra-se para plantar sementes, que muitas vezes não germinam. Nesse sentido, cada um procura corresponder às atribuições de uma demanda inserida pela sociedade através da socialização. Embora, haja algumas peculiaridades, com outras possibilidades de comportamento, dessa descrição de cotidiano no sertão, essa descreve uma ação constante dos sujeitos que ali vivem.

Diante, dessa complexidade de determinações sociais, nota-se que as relações de gênero encontram-se atravessadas pelas instituições e as várias formas de normatização que acabam por grafar o sujeito. Nessa concepção, a descrição do feminino e do masculino está implicada no processo social, de maneira que as impressões sobre o homem e a mulher são representadas singularmente em cada cultura. Seguindo essa reflexão, denomina o conceito de gênero: “O conceito pretende se referir ao modo como as características sexuais são compreendidas e representadas ou, então, como são trazidas para a prática social e tornada parte do processo histórico” (LOURO, 1999, p. 22). No ambiente rural, os papéis de gêneros são definidos e também construídos:

Aqui homem e mulher têm seus afazeres, a mulher às vezes ajuda nas sementes e na colheita, também cuida das crianças. Agora, algumas coisas me mudaram: costuro, bordo, nunca imaginei que fosse fazer isso. Minhas mãos tinham muitos calos, quase não conseguia segurar na agulha. (sic)

Saffioti (1992) ressalta a questão de gênero, como um produto cultural que não se opõe à questão biológica, já que ambos são percebidos em relação, no campo social. O caráter histórico e social deve ser considerado um instrumento propulsor essencial na construção do gênero. Essas relações de gênero são sustentadas, principalmente, pelas relações de poder geradas pelo encontro e desencontro entre o feminino e o masculino, no contexto social: “Como na dialética entre escravo e seu senhor, homem e mulher jogam, cada um com seus poderes, o primeiro para preservar sua supremacia, o segundo para tornar menos incompleta sua cidadania” (SAFFIOTI, 1992, p.184). Agora, na atividade do bordado, o homem constrói um novo espaço, antes predominantemente regido pela presença do feminino. Esse encontro traçado pelo bordado possibilita identificar também as relações de poder:

A costura e o bordado são o ganha pão da nossas famílias. Tem muito homi que ainda teima com a terra, mas não dá dinheiro não. Ora, as mulher que tavam comprando a comida com dinheirinho do bordado. Teve um dia que pensei: acho que posso também fazer essa costura. Hoje pago minhas conta e minha mulher não precisa mais trabalhar. Digo: tu fica em casa cuidando dos menino que eu agora trabaio no teu lugar.(sic)

Nessas relações de poder, Foucault (1987) destaca que o corpo humano é disciplinado, envolvido na arte das distribuições sociais, que designam funções que ao mesmo tempo, podem acentuar o poder ou também o diminuir, com limitações, proibições ou obrigações. Conforme o autor, o corpo dócil fica disponível à manipulação do social, podendo até ser transformado, toma uma outra dimensão cultural, torna-se um instrumento de comunicação e ação às novas propostas regidas seja por um sistema repressor ou libertino. Observa-se no homem sertanejo, investido desse corpo humano *foucaultiano*, a disposição para uma adequação em uma outra função de trabalho, apesar de alguns entraves sociais serem encontrados, já destacados especificamente através das falas dos sujeitos da pesquisa.

Minha vó e minha mãe trabalhavam costurando, lembro do barulho da máquina velha que tinha lá em casa. Eu achava aquilo tudo tão difícil, olhava de longe elas trabalhando. Mas achava uma beleza a

toalha de mesa branca que elas faziam. Hoje, tou eu aqui acho que ninguém na minha família imaginava que eu chegaria a fazer o que faço hoje. Tenho orgulho do que faço, mas no começo de tudo foi difícil pensei em desistir várias vezes, mas sou cabra da peste, criado no sertão. Sou acostumado a dureza da vida. (sic)

O estudo de campo nos possibilitou a percepção da trajetória de mudanças, a partir do trabalho, dos sertanejos com seus entraves. Esse fenômeno está permeado, nos discursos, principalmente de um sofrimento que gera ação e transformação nas relações desses homens e o sertão. Trata-se da história de sujeitos que não possuíam nenhum conhecimento sobre a técnica do bordado, e que diante das diversas dificuldades e o desejo de sobrevivência acabaram adaptando-se ao novo ofício. Segundo os relatos, as mãos que estavam destinadas ao único instrumento de trabalho – a enxada-. Agora, o trabalho manual com a agulha é capaz de construir inúmeros desenhos no bordado. A experiência e o contato estabelecido no campo nos levam a reconhecer a emergência de um novo homem capaz de tecer o seu destino e nos apresentar outras formas de inclusão, pela mão do trabalho – do arado ao bordado.

Constatam-se na investigação essas e outras posturas do sertanejo observado, do gênero masculino que por intermédio do trabalho está produzindo sentidos às suas relações sociais, definindo alternativas de sustentabilidade (suporte econômico) e identidade (suporte social). O sertão, um lugar onde prevalecia à ordem do cultivo a terra, nos apresenta uma *desordem*, ao mostrar uma mobilidade possível, através do trabalho. Então, o sertão possui outros caminhos a serem descobertos e não se encontra estático, mas em constante movimento, dinâmica esta em que o sujeito se transforma com a escolha de um tipo de trabalho que o personalize e o identifique em sua singularidade.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortez, 2001.
- ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.
- BADINTER, Elizabeth. *XY: sobre a identidade masculina*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- BORIS, Georges D. Bloc. *Falas de Homens: a construção da subjetividade masculina*. São Paulo: Annablume, 2002.
- CARVALHO, José Murilo de. *Mandonismo, Coronelismo, Clientelismo: Uma Discussão Conceitual*. Dados [online]. 1997, v. 40, n. 2 ISSN 0011-5258. doi: 10.1590/S0011-52581997000200003

- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- FRANÇA, Luis Celestino de. Seca. In: CARVALHO, Gilmar de. *Bonito pra chover*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2003.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Pesquisa nacional por amostras de domicílios. 3 ed. Rio de Janeiro, 2003.
- LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- NOLASCO, Sócrates. *O mito da masculinidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- PORTINARI, José Cândido. Retirantes. In: FABBRI, Angélica Policeno (org). *B brincando com arte: Portinari*. São Paulo: Noovha América, 2004.
- ROLAND, Ana Maria. A terra de exílio e o sertão redimido: notas sobre a crônica sertaneja em José de Alencar. In: CARVALHO, Gilmar de. *Bonito pra chover*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2003.
- SAFFIOTI, Heleieth I. B. Rearticulando gênero e classe social. In: COSTA, Albertina de Oliveira; BRUSCHINI, Cristina. *Uma questão de gênero*. São Paulo/ Rio de Janeiro: Fundação Carlos Chagas/ Rosa dos Tempos, 1992, p. 182-215.
- VILAÇA, Marcos Vinícios. *Coronel, coronéis: apogeu e declínio do coronelismo no nordeste*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.